

## ESTÁGIO SUPERVISIONADO E EDUCAÇÃO DE SURDOS: A IMPORTÂNCIA DO BILINGUISMO

OLIVEIRA, Paulo Sérgio de Jesus

MOURÃO, Marisa Pinheiro

Universidade Federal de Uberlândia

[paulimjesus@yahoo.com.br](mailto:paulimjesus@yahoo.com.br)

[marisapmourao@yahoo.com.br](mailto:marisapmourao@yahoo.com.br)

**Resumo:** Este trabalho apresenta relatos da disciplina de Estágio Supervisionado realizada no curso de graduação em Letras/Libras (licenciatura) da Universidade Federal de Santa Catarina, concluída no ano de 2010. O estágio foi desenvolvido na Associação de Surdos (ASUL) localizada no município de Uberlândia – MG, no período de agosto a dezembro. O objetivo geral do estágio consistiu em trabalhar aspectos gramaticais da Libras com alunos surdos (fonética e fonologia e pares mínimos). Utilizamos aulas teóricas expositivas, com espaço para debates e trocas de opiniões. A avaliação foi pautada na observação do progresso do aluno em relação ao conteúdo, participação e aprendizagem. Percebemos que os professores ouvintes que trabalhavam com os alunos surdos ainda não dominam plenamente a Libras e, até mesmo, com os alunos surdos, identificamos a falta de domínio da “norma culta” da Libras. Com as aulas propostas foi possível constatar o envolvimento dos alunos surdos com o tema, especialmente, com o reforço dos estímulos visuais e pelo fato do ensino ser ministrado em Libras. Houve um desenvolvimento satisfatório na turma, pois o ensino da fonética e fonologia permitiu um conhecimento e uma aproximação maior com a Língua de Sinais.

**Palavras-chave:** Estágio; Bilinguismo; Libras; Surdos.

### 1. Introdução

De acordo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Censo IBGE, 2000), existem no Brasil cerca de 5,7 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência auditiva, segundo sendo que 166.400 são surdos profundos. Estima-se que cerca de 60% dos surdos profundos conhecem a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Respaldados, ainda, nos dados publicados pelo Ministério da Educação (MEC) e Secretaria de Educação Especial (Seesp), em 2006, referentes à “Evolução da Educação Especial no Brasil”, em 2003, havia, aproximadamente, 56.024 alunos surdos matriculados na educação básica, 2.041, no ensino médio e 665 alunos no ensino superior no País. Já os dados de 2005 apontam um número de 2.428 alunos no ensino superior e 69.420 mil alunos surdos matriculados no ensino básico, tanto público, quanto privado.

Esse quantitativo revela que, nos últimos anos, as pessoas surdas estão conseguindo ingressar no ensino superior, embora no Brasil, o número de pessoas surdas presentes neste nível

de ensino ainda seja pequeno, temos percebido um avanço nas políticas públicas atuais. Neste contexto, o curso de Letras/Libras da UFSC, ao ser criado em 2006, buscou atender as exigências de formação de profissionais qualificados estabelecidas pelo Decreto 5.626 de 2005, que determinava a inserção da disciplina de Libras como disciplina curricular obrigatória no ensino médio e superior.

A partir da constatação da demanda de pessoas que necessitam conhecer a Libras, em especial, professores e pessoas com as quais os surdos se relacionam, foi criado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no ano de 2006, o curso de graduação em Letras/Libras<sup>1</sup>. O curso de Licenciatura tem como objetivo formar professores para atuar no ensino da Libras, como primeira e segunda língua, nos diferentes níveis de ensino.

O curso foi oferecido na modalidade de educação a distância, com encontros presenciais a cada quinze dias. Para a realização dos encontros e demais atividades presenciais, inicialmente, a UFSC contou com a parceria de polos de apoio nos estados de São Paulo, Ceará, Recife, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia e Amazonas e Brasília. Em 2008, foram ampliados os polos para as turmas de licenciatura e, também, criado o curso de Bacharelado, cujo objetivo é formar tradutores/intérpretes de Libras/Português em diferentes contextos, com foco na área da educação.

Neste artigo, nos deteremos ao curso de Letras/Libras, licenciatura, realizado no ano de 2006 a 2010, no polo da Universidade de Brasília (UNB). Partindo do questionamento sobre como preparar o material pedagógico e as estratégias para o ensino de Libras, este trabalho tem como objetivo geral descrever a realização do estágio supervisionado do curso de Letras/Libras realizado na Associação de Surdos de Uberlândia (MG). De tal modo, definimos como objetivos específicos trabalhar aspectos gramaticais da Libras com alunos surdos (fonética e fonologia e pares mínimos).

De uma maneira geral, buscamos com este artigo provocar uma reflexão sobre as diferenças implicadas na escolarização dos surdos, considerando que a educação de qualidade é um direito de todos, cuja responsabilidade para sua efetivação real cabe a cada um dos sujeitos envolvidos neste processo. As reflexões apresentadas neste artigo buscam uma educação significativa e igualitária para as pessoas surdas, no que tange o respeito à sua língua e a uma realidade educativa que respeite as suas peculiaridades, buscando olhá-las a partir das suas potencialidades, diferenças linguísticas, identitárias e culturais.

## **2. A importância do Bilinguismo na educação de surdos**

A Língua Brasileira de Sinais foi reconhecida, oficialmente, pela Lei Federal n. 10.436, de 24 de abril de 2002, como Língua Brasileira de Sinais (Libras). A referida Lei define a Libras como “a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui em um sistema de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil” (Art. 1º, parágrafo único) e ainda preconiza:

Art. 2º- Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

---

<sup>1</sup> Informações sobre o curso disponíveis no site: <<http://www.libras.ufsc.br>> Acesso em 30 mai. 2012.

Além disso, a regulamentação do Decreto n. 5.626, no final de 2005, determinou a inclusão desta língua como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores em nível médio e superior.

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

De acordo com Secretaria de Educação Especial (1997), a Língua Brasileira de Sinais tem regras gramaticais diferenciadas do português, mas também é composta pelos níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático e semântico. A comunicação em Libras se dá por meio do movimento das mãos, expressões faciais e movimentos do corpo.

Neste trabalho discutiremos alguns aspectos importantes sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e sua aquisição pelo aluno surdo, no que se refere ao desenvolvimento da linguagem, cognição e interação social. Discutimos também a importância da inserção do aluno surdo na comunidade surda para formação dos processos identificatórios e culturais, com a finalidade de levar os profissionais que trabalham com surdos a refletir sobre a importância da Libras para o surdo.

No Brasil, podemos perceber as conquistas das pessoas surdas, na realidade atual, pautada na proposta educativa Bilíngue. Quadros (2004) defende que o “Bilinguismo” é uma proposta de ensino que considera a Língua de Sinais como língua natural da criança surda, ou seja, como sua primeira língua, que deve ser aprendida o mais cedo possível, e a língua portuguesa escrita, como língua de acesso ao conhecimento, que deve ser ensinada a partir da Língua de Sinais.

Tal abordagem depende da presença de professores bilíngues que tenham domínio das duas línguas envolvidas, utilizando cada uma em diferentes momentos. A utilização da proposta bilíngue não é apenas a tradução de uma língua para outra, pois a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais têm bases originárias distintas, princípios e regras gramaticais diferenciadas: a Libras tem uma modalidade viso-gestual e a Língua Portuguesa, oral-auditiva. Além disso, ao abrir espaço para a Língua de Sinais como primeira língua de instrução, é preciso entender que os surdos têm uma cultura própria, que deve ser reconhecida e respeitada.

É importante esclarecer que o desenvolvimento linguístico, cognitivo, afetivo, sociocultural e acadêmico da pessoa surda não depende sua da audição, mas, sim, da aquisição, primeiramente, da Língua de Sinais. Defendemos e acreditamos que a Libras facilita e propicia o seu desenvolvimento linguístico e cognitivo, favorecendo a produção escrita e servindo de apoio para a leitura e compreensão dos textos da Língua Portuguesa.

Tanto a Libras como a Língua Portuguesa são de grande importância na vida do surdo, uma vez que se trata de um indivíduo inserido em mais de uma cultura ao mesmo tempo. Devido a estes fatores é preciso reduzir a distância que existe entre a língua específica do aluno surdo e o Português, sabendo que as duas línguas possuem princípios e regras diferenciadas. Compreender as diferenças linguísticas que perpassam o processo de escolarização desses sujeitos requer que os educadores revejam as bases teórico-metodológicas que possuem, cabendo a escola garantir currículos, técnicas e recursos específicos para atender a estes alunos em suas peculiaridades e interesses.

Em 1960, Stokoe relatou que “a Língua de Sinais adquiriu reconhecimento pelas suas características linguísticas”. Esse autor defendeu que para uma língua ser considerada natural ela

precisa ser utilizada por uma comunidade, como meio de comunicação que difunde valores constituintes de uma identidade.

Travaglia (1996) afirma que na concepção de linguagem como expressão do pensamento existe a noção de que as pessoas não se expressam bem porque não pensam. Isso porque, segundo essa corrente, há regras a serem seguidas para a organização lógica do pensamento e, conseqüentemente, da linguagem. Já na linguagem como instrumento de comunicação, a língua é vista como um código, ou melhor, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor. Essa concepção trata também da linguagem como forma de interação, afirmando que a linguagem é tomada como um lugar de interação comunicativa por meio de efeitos de sentido entre interlocutores. Para este autor, quando consideramos a linguagem como instrumento de comunicação – código – a gramática passa a ser entendida como um conjunto de regras a serem memorizadas e seguidas. Ao entender a linguagem como forma de interação, a gramática é vista como um feixe de variações e recursos linguísticos que deve ser usado em função do texto (oral e escrito) que se produz e de seu contexto.

De acordo com Ferreira Brito (1997), a Libras é dotada de uma gramática organizada a partir de elementos constitutivos das palavras e de um léxico (o conjunto das palavras da língua) que se estruturam com base em mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos. Estes possibilitam a produção de um número infinito de construções por meio de um número finito de regras.

Capovilla (*et al*, 1998) explica que as línguas de sinais surgem de maneira espontânea, pela utilização de gestos e por mímicas realizadas por um grupo de indivíduos surdos. Tal grupo convencionou e desenvolve certos padrões gestuais próprios para cada objeto, ação, estado psíquico e emocional. O aperfeiçoamento destes padrões alcança a complexidade existente em qualquer língua falada, contendo todos os níveis linguísticos: fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

A Língua de Sinais, com real importância da imagem visual e suas implicações, tem levado ao reconhecimento do direito linguístico dos surdos no acesso às esferas educacionais, políticas, culturais, profissionais, espaços sociais, etc. Esse reconhecimento se reflete nas políticas públicas, no acesso à cultura, na presença dos intérpretes e instrutores de Língua de Sinais em espaços públicos e escolares, na formação de professores bilíngues, professores surdos, intérpretes de Língua de Sinais, etc.

Diante do exposto, defendemos a organização de uma pedagogia visual que contemple a elaboração de estratégias de ensino diferenciadas no currículo, contação de história, jogos educativos, a cultura artística e visual, utilização da escrita de sinais (*sign writing*), das tecnologias da informação e comunicação, enfim, de uma pedagogia crítica que privilegie a concepção do mundo por meio da subjetividade e objetividade com experiências visuais (Perlin, 2000).

Apesar do reconhecimento da Libras, ela ainda está rodeada de mitos que se devem, em grande parte, da falta de conhecimento e contato com a Língua de Sinais. (Quadros; Pizzio; Pinto, 2007).

O primeiro deles seria ver as línguas de sinais como uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, ou seja, uma língua incapaz de expressar sentimentos, emoções, uma língua sem condições de expressar o abstrato, fato é que a língua de sinais assim como as línguas orais é capaz de expressar ideias, emoções, aquilo que não é concreto. O segundo mito é o que trata a língua de sinais como sendo única e universal e, portanto, todos os surdos do mundo

falariam a mesma língua. Este mito é derrubado com os estudos linguísticos sobre as línguas de sinais que demonstram as diversidades linguísticas existentes ao redor do mundo.

Outro mito seria acerca de uma falha na organização gramatical da língua de sinais, as línguas de sinais não teriam estrutura própria e, por isso estariam subordinadas e seriam inferiores às línguas orais. As línguas de sinais são línguas oficiais e, portanto, independentes das línguas orais, sua ligação não vai além de empréstimos linguísticos, o que não pode ser considerado uma dependência, já que isso também ocorre nas línguas orais.

Há o mito de que as línguas de sinais seriam um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito e que seria estética expressiva e linguisticamente inferior as línguas orais, fato é que as línguas de sinais são línguas complexas e que elas podem ser usadas sim, para as inúmeras funções a que se presta uma língua.

Existe, ainda, o mito de que as línguas de sinais derivaram da comunicação gestual dos ouvintes, as línguas de sinais, assim como quaisquer outras línguas são complexas e não se adquirem com algumas aulas ou alguns sinais aprendidos, se levam tempo para um aprendizado verdadeiro e profundo da língua.

E por fim, o último mito de que as línguas de sinais, por serem organizadas espacialmente, estão representadas no cérebro no hemisfério direito (o responsável pelo processamento da informação espacial) enquanto que o hemisfério esquerdo é o responsável pela linguagem. Nas línguas de sinais estudos demonstraram que o processamento da língua de sinais se dá em ambos os hemisférios, no esquerdo responsável pela linguagem e no direito responsável pelo processamento espacial, isso comprova que o processamento das línguas de sinais é até mais complexo que o das línguas orais. (Quadros; Pizzio; Pinto, 2007).

Como dito anteriormente, um dos mitos sobre as línguas de sinais é que elas não possuem estrutura própria. As línguas de sinais possuem, sim, estrutura própria, que, aliás, são muito complexas. Elas possuem sua própria fonologia, fonética, morfologia, etc. Há um problema com os termos fonética e fonologia, já que estes estão ligados à ideia de som, porém, o termo não fará muita diferença se ficar claro que a fonética não é apenas constituída de sons, mas também de gestos e a fonologia estuda significantes (são as representações mentais acústicas - sons - e óticas).

Na visão de Sá (2006), quando se opta por utilizar a Libras como primeira língua no processo educativo dos surdos, necessita-se entender que tal postura altera toda a organização escolar: os objetivos pedagógicos, as práticas de ensino e aprendizagem e a participação da comunidade surda no processo escolar.

### **3. Observações e análise do Estágio Supervisionado**

Ao realizarmos essas breves considerações sobre a legitimidade da Libras e a sua importância na comunicação e educação das pessoas surdas, passamos para um momento fundamental neste estudo: a discussão sobre a importância do estágio na formação de professores para o ensino de Libras.

No curso de Letras/Libras a disciplina de Estágio Supervisionado envolveu três áreas de ensino: ensino de Literatura Surda (LS), ensino de Língua Brasileira de Sinais como primeira língua (L1) e ensino de Língua Brasileira de Sinais Brasileira como segunda língua (L2), perfazendo uma carga horária total de 420 horas.

O estágio supervisionado é um momento importante no decorrer da formação profissional, pois possibilita ao estudante, sob a orientação de um professor, vivenciar a prática profissional, enriquecendo e atualizando a formação acadêmica desenvolvida, permitindo a vivência de

experiências de resolução de problemas, avaliando e sugerindo mudanças nas organizações escolares, com base nas referências teóricas obtidas e estudadas durante a graduação.

Lima e Pimenta (2004) nos informam que o estágio tem sido visto como uma atividade teórica de conhecimento, fundamentação, diálogo e intervenção na realidade. Comentam também que os estagiários podem assumir posturas e habilidades de pesquisadores a partir das situações vivenciadas de estágio, nesse caso, criando projetos que permitam entender e problematizar as situações que observam.

Diante do exposto, o campo escolhido para a realização do estágio supervisionado foi a Associação dos Surdos e Mudos de Uberlândia - Asul<sup>2</sup>, localizada no município de Uberlândia – MG, em um bairro populoso e de classe média, na zona oeste da cidade. Constituem-se em objetivos da Associação: encaminhar, orientar e acompanhar os surdos ao mercado de trabalho; oferecer curso de Libras a comunidade surda e ouvinte; oferecer palestras e cursos de capacitação para os associados, buscando alternativas para melhorar a sua qualidade de vida, no que engloba o aspecto educacional, social, cultural, esportivo e profissional.

Atualmente, a Asul atende a 31 alunos surdos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), nas séries iniciais do ensino fundamental, 18 alunos surdos do curso de capacitação de instrutores surdos para o ensino de Libras, 20 alunos ouvintes do curso de Libras básico e 40 alunos do curso intermediário. As pessoas que frequentam a Asul são constituídas por homens e mulheres, jovens e adultos surdos, na faixa etária de 16 a 65 anos. As formas de comunicação utilizadas variam entre: surdos que utilizam predominantemente a Libras, surdos que utilizam mímicas e surdos oralizados que não conhecem a Libras. Também frequentam a Associação as famílias das pessoas surdas e alunos ouvintes interessados em aprender Libras.

A estrutura física da Asul atende as necessidades das pessoas que fazem uso dos seus espaços e serviços, funcionando com quatro salas de aulas, laboratório de informática, um amplo pátio coberto, uma quadra poliesportiva, cozinha, refeitório, lavanderia, diretoria, secretária, seis banheiros, entre outros. A Associação também conta com o trabalho de uma equipe de profissionais multidisciplinar, a maioria voluntária, outros, cedidos pela Prefeitura Municipal de Uberlândia.

O estágio foi realizado no período compreendido entre agosto a dezembro de 2011, durante 16 visitas a Asul. A coleta de dados foi realizada por meio de registros fotográficos, filmagem, observações, relatórios escritos e materiais produzidos pelos alunos.

Foram observadas duas turmas de alunos surdos, na Educação de Jovens e Adultos e no curso de preparação de instrutores de Libras e, duas turmas de alunos ouvintes, no curso de Libras básico e intermediário. O estágio envolveu três áreas de ensino: Ensino de Literatura Surda (LS), Ensino de Língua Brasileira de Sinais como 1ª língua (L1) e Ensino Brasileiro de Língua de Sinais como 2ª língua (L2). Porém, neste artigo, nos deteremos, especialmente, a análise da turma de EJA, na qual a proposta educativa preconizada é a bilingue.

Nas aulas da EJA foi possível perceber que os alunos surdos eram muitos inquietos, devido, especialmente, as dificuldades de comunicação com a família, composta, em sua maioria, por pessoas ouvintes que desconheciam a Libras. Devido às barreiras de comunicação em casa, os alunos chegavam à aula ansiosos para se expressarem com os demais colegas e pessoas surdas que frequentam a Asul. Na maioria das vezes, o excesso de comunicação atrapalhava o bom andamento das aulas e o cumprimento do currículo anual.

Ao observar as aulas ministradas foi possível constatar que a professora ouvinte não apresentava fluência em Libras. Dessa forma, as aulas eram ministradas utilizando o português

---

<sup>2</sup> A Associação dos Surdos e Mudos de Uberlândia – Asul foi fundada em 1983.

sinalizado, uma mistura da estrutura gramatical da Língua Portuguesa com os gestos usados na Libras. No decorrer das aulas houve a predominância da comunicação total na relação professora ouvinte e alunos surdos. Tal abordagem foi muito difundida no início da década de 1990 e sua metodologia de trabalho permitia a utilização de inúmeras alternativas para tornar o discurso compreensivo e acessível ao receptor.

A Comunicação Total inclui todo o espectro dos modos linguísticos: gestos criados pelas crianças, Língua de Sinais, fala, leitura oro-facial, alfabeto manual, leitura e escrita. A Comunicação Total incorpora o desenvolvimento de quaisquer restos de audição para a melhoria das habilidades de fala ou de leitura oro-facial, através de uso constante, por um longo período de tempo, de aparelhos auditivos individuais e/ou sistemas de alta fidelidade para amplificação em grupo (FREEMAN, CARBIN e BOESE, 1999, p.171)

Acreditamos que tal abordagem inviabiliza o uso adequado da Língua de Sinais na sua estrutura própria. Na prática essa filosofia não é capaz de atender as necessidades de comunicação de forma plena que envolva as relações sociais e as interações sócias que um indivíduo surdo necessita para se desenvolver como cidadão pleno.

Dorziat (1999) aponta que o grande problema dessa filosofia é a mistura de duas línguas - a Língua Portuguesa e a Língua de Sinais -, o que resulta numa terceira modalidade: o português sinalizado, em que ocorre a introdução de elementos gramaticais de uma língua na outra.

Por outro lado, durante as aulas observadas, a professora demonstrava em suas atitudes o conhecimento sobre as especificidades da comunidade surda, devido a forma como ela chamava a atenção dos alunos surdos, ao acender e apagar a luz, ao abanar as mãos para conseguir a atenção dos alunos.

A sala de aula era pequena, porém aconchegante, com janela ampla, iluminação adequada, ventilador de teto, um armário mesa de professor e carteiras confortáveis. Chamou-me a atenção o número de cartazes que destacavam o alfabeto manual e, também, relacionados aos temas da aula que eram abordados pela professora no mês ou na semana.

Também foi constatado durante as observações feitas em sala de aula, uma carência de conhecimento da fonologia e fonética da Libras.

A fonética tem por objetivo a “caracterização dos sons e dos gestos, em seus aspectos articulatórios e acústico-óticos”. Portanto, a fonologia e a fonética estudarão os aspectos onde são articulados os sinais e seus aspectos visuais. A morfologia da língua de sinais estuda a estrutura interna dos sinais e as regras que irão determinar a formação das palavras. Além disso, há disciplinas como sintaxe, semântica e pragmática, ficando claro, portanto, a complexidade das línguas de sinais, podemos até afirmar sua complexidade muito além das línguas orais. Outro ponto importante das línguas de sinais, é que, assim como, as línguas orais elas são variadas inclusive num mesmo país há uma grande diversidade linguística (Karnopp, 2007).

Após o período de observação das salas, elegemos como conteúdos do estágio o tema fonética e fonologia. Como metodologia utilizamos aulas teóricas, com espaço para debates e trocas de opiniões entre professor e alunos, privilegiando a troca de informações e de experiências entre os alunos e o professor surdo. A avaliação foi pautada na observação do progresso do aluno em relação ao conteúdo, seu interesse, participação e aprendizagem.

Com as aulas foi possível constatar que muitos surdos ainda sofrem com a barreira da comunicação e, muitas vezes, os problemas têm início nas próprias famílias, que consideram o surdo como uma pessoa incapaz. No entanto, atividades aplicadas geraram resultados

satisfatórios com os alunos. A questão da cultura surda foi abordada nas aulas, de forma a conscientizar os surdos para o exercício de sua cidadania, mostrando-os a sua importância na sociedade. É fato que o entendimento dos alunos foi diferente uns dos outros, pois este é um assunto que precisa ser trabalhado e estimulado por um período de tempo maior e, não somente, nos espaços educativos, mas, também, pelas famílias dos surdos e pela sociedade.

#### **4. Considerações Finais**

O estágio realizado, origem deste trabalho, nos possibilitou uma visão mais ampla dos problemas relativos à educação de pessoas surdas e das relações que se estabelecem dentro do âmbito escolar. Desta maneira, o estágio permitiu que o profissional em formação tivesse experiências e vivências significativas relacionadas ao seu campo de atuação e, ao mesmo tempo, oportunizou vivências em sala de aula, o contato com as metodologias de ensino, com alunos surdos, professores e com a instituição em seu todo.

O desenvolvimento do estágio reforçou o aprendizado da Libras por meio da elaboração das aulas de intervenção junto aos alunos. Os alunos participaram ativamente e aprenderam novos vocabulários da Libras. Foi possível perceber que eles se sentiram motivados e interessados em ampliar seus conhecimentos sobre a Libras e sua gramática. Além disso, a professora também demonstrou interesse sobre a metodologia e estratégias de ensino aplicadas, revelando uma grande preocupação com a educação de pessoas surdas.

Acreditamos que o contexto educativo bilíngue se revela para os alunos surdos diante da coexistência da Libras e da Língua Portuguesa, respeitando as diferenças implicadas no trabalho com essas duas línguas na vida da pessoa surda. É preciso identificar as estratégias utilizadas para facilitar o entendimento do contexto, por meio de vídeos em Libras e do uso de materiais visuais. Torna-se necessário, então procurar, analisar, organizar, divulgar, estimular, incitar, assistir, observar, descrever e trocar informações na objetividade da construção de conhecimentos de si e da cultura surda no intuito de um entendimento amplo do que é apresentado e discutido sobre o enfoque de uma diferença cultural, que é própria dos surdos.

Entendemos que não basta somente a inclusão da Libras no currículo, mas toda uma metodologia visual para o ensino do Português que contemple adaptações no currículo, bem como estratégias de ensino e avaliação diferenciadas.

Esperamos que estes relatos possam contribuir para que a sociedade, em especial, os profissionais da educação que atuam com surdos, ampliem seus conhecimentos sobre a realidade sócio educativa dos surdos brasileiros, com vistas a uma educação significativa, que contemple as suas diferenças linguísticas, a sua cultura e a sua identidade surda, o que requer, por parte desses profissionais, a aquisição da Libras e de uma formação teórica sólida para intervir na sua práxis pedagógica.

Assim, destaca-se que a educação das pessoas surdas, atualmente, ainda requer muitos investimentos científicos, tecnológicos e humanos para que esta possa assumir de fato o que se propõem: a escolarização deste grupo de pessoas para que elas possam exercitar seus direitos e deveres enquanto cidadãos brasileiros. Nessa perspectiva, não há preocupação em negar as diferenças, mas fazer com que o surdo assuma o seu papel enquanto cidadão, com condições de participar ativamente da sociedade.

Sabemos que ainda existem inúmeras barreiras ao ensino para os alunos surdos. Entretanto, estas estão sendo aos poucos minimizadas mediante as conquistas que este grupo de aprendizes tem realizado. Primeiro o direito legal de serem ensinados em sua língua natural, posteriormente, o direito à adaptação do processo avaliativo às particularidades da pessoa surda,

demandando correção diferenciada na produção escrita e, acompanhamento de Intérprete de Língua de Sinais durante as atividades curriculares em geral, e avaliativas.

## 5. Referências

- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei10436.pdf>> Acesso em: 20 abr. 2012.
- \_\_\_\_\_. **Decreto n. 5626,** de 22 de dezembro de 2005. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <[http://www.presidencia.gov.br/ccivil/\\_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm](http://www.presidencia.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm)>. Acesso em: 20 abr. 2012.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Especial. **Evolução da educação Especial no Brasil,** 2006, p. 01-11. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/brasil.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2012.
- CAPOVILLA, F. C. RAPHAEL, W. ( *et al*). **Manual ilustrado de sinais e sistema de comunicação em rede para os surdos.** Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.
- DORZIAT, A. Bilinguismo e surdez: para além de uma visão linguística e metodológica. . In SKLIAR, C. (org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos.** Porto Alegre: Mediação, 1999.
- FERREIRA BRITO, L.. Estrutura Linguística da Libras. In: BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Educação Especial: Deficiência Auditiva.** Org. RINALDI, G. et al. Série Atualidades Pedagógicas; n. 4, Volume I. Brasília: 1997.
- FREMAN, R. D.; CARBIN, C. F.; BOESE, R. J. **Seu filho não escuta? Um guia para todos que lidam com crianças surdas.** Brasília: MEC/SEESP, 1999.
- LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G.. **Estágio e Docência:** o estágio como campo de conhecimento. São Paulo: Cortez, 2004.
- PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (org.): **A surdez:** um olhar sobre as diferença. Porto Alegre: Mediação, 51-71, 1998.
- QUADROS, R. M.. **Situando as diferenças implicadas na educação de surdos: inclusão/exclusão.** Ponto de Vista, Florianópolis, n. 5, 2004.
- SÁ, N. R. L.. **Cultura, poder e educação de surdos.** São Paulo: Paulinas, 2006.
- STOKOE. W. *Sign Language structure:* na outline of the visual communication systems of the american deaf. New York: University of Buffalo Press, 1960.
- TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação:** uma proposta para o ensino de gramática no primeiro e segundo graus. São Paulo: Cortez, 1996.